

Antecessores de Evo?

CS 24/4/85  
9.15  
no. 6-5/85

# Mortes suspeitas entre refugiados

O assassinato de Evo Fernandes repôs a discussão sobre a impunidade com que serviços secretos estrangeiros actuam em Portugal. Aqui se recordam as circunstâncias em que morreram três cidadãos angolanos, um moçambicano e um chileno, todos eles em situação que permite interrogações sobre a origem dos crimes.

Mduzo Duzit estava em Portugal com estatuto de refugiado político. Angolano, desapareceu em Janeiro de 1986. Foi visto, pela última vez, num bar. Um amigo declarou à polícia que ouvira os companheiros de ocasião convidarem-no para um jantar a bordo de um barco.

A mulher suspeitou de rapto. Foram feitos contactos com Angola na tentativa de o encontrar. Em Maio, porém, apareceu, atado de pés e mãos

a uma pedra, sob a ponte de Almeirim.

A Judiciária interrogou diversos amigos de Duzit. Alguns dos interpelados deixaram o nosso país sob a alegação de que não conseguiam sossego.

Em Outubro a notícia chegava aos jornais, já então se sabia que Venâncio Luís, conhecido por «Gordurosa», morrera em circunstâncias estranhas num hospital de Lisboa. A versão foi de que fora vitimado por um cancro, mas pessoas que lhe eram próximas afirmaram que nunca tinham ouvido falar da doença de Luís Venâncio.

A juntar a estas duas mortes, a de um piloto da companhia de aviação de Angola, caso que foi ligado a uma rede de tráfico de diamantes.

Muito se falou, então, de actividades da DISA, a polícia secreta angolana.

Também em Outubro de 1986 «O Jornal» noticiou a ocorrência de uma «operação kuanza», efectuada pela DISA num escritório de Lisboa. Objectivo: recuperar uma grande quantidade de kuanzas.

A acção atribuída à polícia secreta foi então ligada à morte de Venâncio Luís, um angolano que também poderia ter feito parte da DISA e que caíra em desgraça por inconfidências cometidas relativamente àquela operação.

Notícias então vindas a pública referiram a morte de dois agentes da DISA colocados em Lisboa e que estavam a ser seguidos pelas autoridades portuguesas. Transferidos para Madrid, acabariam por morrer, em acidente de automóvel, durante o trajecto.

À baila veio, também, a morte de um angolano na Nazaré, referenciado como elemento daquela polícia secreta e o rapto de um tal Alexandre

Carvalho que, no ano anterior, tentara obter o estatuto de asilado político em Portugal.

Outros dois refugiados políticos morreram também em Portugal. Trata-se, porém, de casos que estão encerrados para as autoridades portuguesas.

Daniel Fermenga foi recebido em Portugal em Outubro de 1980. Vinha da Tanzania, país onde já gozava do estatuto de refugiado político. Morreria em Maio seguinte, segundo a autópsia e a Judiciária, vítima de suicídio por enforcamento.

Luís Zuber Layseca, outro refugiado, chileno, foi assassinado em 1987. Quatro anos antes tinha sido ele o autor de um homicídio, e a vítima, o proprietário da casa onde morava. Cumpria pena de prisão, acabara por sair em liberdade e viria a ser assassinado no veículo em que se dedicava ao comércio. Os suspeitos de autoria do crime foram detidos pela Judiciária.